

À Biblioteca Pública de

Braga

THOUVA Livre

21
ABRIL
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

CONFERÊNCIA do Ex.º Sr. Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, subordinada ao tema

«A FILATELIA:

o maior e mais importante

dos coleccionismos»

Proferiu, no salão do Clube Fenianos Portuenses, uma conferência o Sr. Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho—conferência integrada na actividade cultural da Liga de Profilaxia Social.

Presidiu o Sr. Dr. Gil da Costa, Director da Liga de Profilaxia, ladeado pelos Srs. Dr. Vitor Lopes Dias, representante do Sr. Governador Civil; Prof. Dr. Sousa Pereira, da Faculdade de Medicina; Dr. Carlos Vale, Vice-Presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras; Eng.º Orlando Valdez dos Santos, Prof. do Centro de Estudos Humanísticos; Morais Calado, Presidente da Secção Filatélica do Clube Galitos de Aveiro; Eng.º Paulo Seabra e Manuel Pimenta Vieira, Directores da mesma Secção Filatélica; Comodoro Carlos Henriques, Oficial da Armada; Dr. Noronha Rodrigues, Jornalista; Goez, Edmundo Ferreira, Industrial.

Iniciando a leitura do seu trabalho, o Sr. Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho afirmou que a tendência para coleccionar coisas, as mais diversas e inconcebíveis, úteis ou inú-

teis, ricas ou modestas, pode relegar-se ao momento em que pela primeira vez o homem surgiu na terra. É uma tendência natural e absorvente que encontrou a sua mais lídima e máxima expressão no coleccionismo dos selos, ou seja, na Filatelia.

Milhões de seres humanos, em todos os continentes, se dedicam à prática de coleccio-

(Continua na 4.ª página)

A NOVA VILA

Está completo o estudo urbanístico da parte nova da Vila, que compreende toda a Avenida de Sá de Miranda, o novo arranjo da parte nascente do Largo Dr. Oliveira Salazar, a localização do Monumento a Sá de Miranda, e a abertura da nova Avenida que em reta ligará a Rua Sá de Miranda à Estrada de Caires.

Estes arranjos que já abrangem a variante estudada pelas Obras Públicas dão-lhes a imponência de uma terra em franco desenvolvimento e a categoria das grandes terras do País.

O Projecto depois de aprovado vai seguir para participação do Estado.

Espera a Câmara dar início às obras em 1963.

PROBLEMAS DE ANGOLA

Só a acção missionária, desenvolvida em escalões sucessivos, pode elevar o indígena a condições exigíveis da dignidade humana (Zuzarte de Mendonça Filho).

Uma coisa, desde já, se afirma: é que procuramos ser desapaixonadamente objectivos, talvez mesmo propositadamente apolíticos no breve estudo destes problemas angolanos, contanto que não envolvam princípios eternos, diretos históricos, política de espírito.

Há realidades que não se discutem: simplesmente se verificam e processam normas de acção futura.

Está provado a Sociedade que a factores de vária ordem e incidência se deve, desde o século XVII até aos nossos dias, antes da assinatura da concordata e do acordo Missionário, o manifesto enfraquecimento da nossa tarefa evangelizadora ultramarina. De um lado, as preocupações absorventes da riqueza, como resultante das conquistas no Oriente. Doutra, as vicissitudes e paralisações impostas ou derivadas do domínio Castelhana. Outros ainda, a «crise das Ordens religiosas», para empregar a expressão do Dr. Eurico Nogueira na sua notável análise das relações entre a Igreja e o Estado; a inconmen-

(Continua na 4.ª página)

O Concílio Ecuménico Vaticano II

Os círios, benzidos pelo Santo Padre

V

O Santo Padre João XXIII benzeu, no dia 2 de Fevereiro, dia da Purificação de Nossa Senhora, 20 círios.

Porque este acto especial do Santo Padre?

Li numa importante revista estrangeira, uma notícia que é a resposta à pergunta

O NOSSO

SILÊNCIO

Muitos leitores amigos nos têm perguntado o motivo do nosso silêncio em casos tão indignos e flagrantes como os que vem sendo praticados com a campanha de difamação e de calúnias que, por intermédio de cartas anónimas, panfletos, postais e agora até por telefonemas com nomes supostos se vem efectuando, cujos autores, descem à baixesa de difamar casais, clérigos, homens e senhoras com as calúnias mais terríveis e velocabulário, ao calão ou à blasfémia foram buscar. Antes de mais, caro leitor, temos de lhe lembrar que eles fazem uso das únicas armas que o seu monstroso carácter poderia conseguir para alcançar os seus maléficos fins. De cara descoberta não lhes era possível lutar.

Na verdade, tais calúnias são sempre dirigidas no sentido de produzir efeitos conducentes a um objectivo em

vista que determinado sector, conhecido e bem delimitado pretende atingir.

Assim verifica-se, por

(Continua na 3.ª página)

COMARCA

Foi publicado no Diário do Governo o decreto que criou a Comarca de Amares.

Contrariamente ao que se que a nossa Câmara tanto se interessou, não inclui nenhuma freguesia de Terras de Bouro.

Embora o lamentemos, porque para esses povos era benéfico, a comarca apenas abrange o Concelho de Amares.

Continuamos no entanto de parabéns e temos de estar reconhecidos ao Governo pela mercê que acaba de nos conceder.

Os três testamentos de

Beethoven

Quem desejar ver um dos mais preciosos documentos culturais que Hamburgo possui, o célebre «Testamento de Heiligenstadt» de Beethoven, encontrará, com certeza, muitos incrédulos: «O testamento de Beethoven em Hamburgo? Nunca ouvi falar disso!» Mas

os amadores da música de todo o mundo, dos quais muitos visitam Hamburgo não se deixam demover do seu intento, pois sabem que têm plena razão. Depois de algumas indagações chegam ao edifício da Biblioteca Universitária e do Estado onde um bibliotecário desce à cave para buscar a preciosidade. Para o papel com a letra de Beethoven não seja destruída pela luz do dia, tem de ser guardado num recinto absolutamente escuro.

Este primeiro testamento de Beethoven, escrito em 6 de Outubro de 1802 em Heiligenstadt, na Austria, ou sejam 25 anos antes da morte do mestre, esteve primeiro nas mãos do comerciante em objectos de arte e editor Domenico Artaria, passando em seguida para o violinista Hein-

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

JESUS

Para os homens salvar Êle nasceu
Do Ventre de Maria Imaculado;
E com Êle uma Luz também desceu
Que afugentou as trevas do pecado.

Foi condenado, morto e sepultado,
Mas ao terceiro dia ressurgiu
Dentre os mortos bem mais aureolado,
E quarenta depois ao Céu subiu.

Vinte séculos, porém, já são passados,
E, outra vez, os homens desvairados
Procuram apagar tão bela Luz!...

Mas por mais que êles façam não nos dão,
Não podem dar ao mundo a salvação
Como aquela que já lhe deu JESUS.

U E R B A

TRIBUNA AGRÍCOLA

Conservação caseira de produtos hortícolas

Espargos

Os processos de preparação das conservas de produtos hortícolas variam um tanto dos que são utilizados para os frutos, em virtude de certas diferenças fundamentais na sua composição química. De um modo geral, os frutos são mais ricos em açúcares e em ácidos orgânicos, do que os produtos hortícolas. Por esta razão, a conservação destes últimos, pelo processo da esterilização pelo calor em recipiente herméticamente fechado, ou de «Appert», é, em princípio, um tanto mais difícil, uma vez que os microorganismos que provocam a decomposição destes alimentos, são muitíssimo mais resistentes em meios neutros ou de baixa acidez do que em meios de elevado teor em ácidos ou em açúcares.

Este facto não passou despercebido ao próprio inventor das conservas—Nicolas Appert—que obtinha resultados pleo aplicava os seus processos a frutas e outros alimentos de elevada acidez, mas que no princípio das suas experiências registou não poucos fracassos ao tentar conservar produtos alimentares de baixa acidez, como os legumes, as carnes, os peixes, crustáceos etc., Tendo restabelecido para cada produto alimentar, a duração esterilização necessária para assegurar a sua conservação por tempo praticamente indefinido, ele verificou que para os frutos bastavam em geral cerca de 30 minutos, consoante as espécies, ao passo que para os legumes eram necessárias 4 horas, e por vezes mais.

É evidente, que esterilizações tão prolongadas tornavam o processo moroso, pouco prático, dispendioso, e sobretudo a qualidade da conserva assim obtida deixava bastante a desejar.

Cedo se verificou portanto a necessidade de aperfeiçoar o processo de conservação dos produtos hortícolas e outros alimentos não ácidos.

Porém, a solução mais vantajosa do problema durante muito tempo não foi compatível com a preparação caseira das conservas. Cosiste em elevar a temperatura de esterilização (emprega-se geralmente temperaturas vizinhas de 115° C.) de modo a permitir ao mesmo tempo encurtar grandemente a duração da operação, o que conduz à obtenção de conservas de melhor aspecto, consistência e cor, e de mais elevado conteúdo vitamínico, reduzindo-se ainda de modo acentuadíssimo o custo da produção.

Uma vez que este processo,

conforme se acentuou, era apenas circunscrito ao fabrico industrial das conservas, a preparação doméstica teve que lançar mão de outro recurso. Assim não lhe sendo possível (até ao aparecimento das panelas de pressão) esterilizar as conservas de legumes a temperaturas superiores às da ebulição da água (100° C.), usou, e usa ainda, o artifício da adição de um ácido aos produtos de baixa acidez, o que os coloca nas mesmas condições que os frutos fáceis de esterilizar, mesmo a 100° C., e por vezes até a temperaturas um tanto inferiores.

Esta adição é muitíssimo mais importante do que poderá parecer à primeira vista, uma vez que os legumes, em virtude do seu contacto mais próximo com o solo, contêm, por via de regra, uma flora microbiana mais abundante, principalmente em microorganismos termoresistentes, isto é, de difícil destruição por acção do calor. Entre este tipo de microorganismos situa-se o terrível «*Clostridium botulinum*», que provoca graves intoxicações por vezes mortais. A adição do ácido à conserva de legumes, tem pois a vantagem não só de facilitar a esterilização, como também salvaguardar a saúde do consumidor.

O ácido é normalmente adicionado à salmoura de cobertura, empregando-se geralmente o ácido cítrico. Nas conservas caseiras, pode ser substituído pelo sumo de limão, na dose de 200 g. para cada litro de salmoura. No entanto o ácido é de uso mais aconselhável, porque não altera, tanto como o limão, o sabor característico do legume. Dos produtos hortícolas normalmente conservados entre nós apenas o tomate dispensa a acidificação da salmoura, dada a elevada percentagem de ácido que contém.

Estas notas veem a propósito de pretendermos hoje ocupar-nos duma conserva de produtos hortícolas, que como tal carece justamente de acidificação.

Referimo-nos à conserva de espargos que há muita vantagem em preparar, visto que este produto apenas aparece no mercado durante um período muito restricto.

Entremos então propriamente na descrição da forma de preparar uma conserva de espargos e comecemos pela salmoura cuja constituição deverá ser a seguinte: 1 litro de água, 30 g. de sal, 3 g. de ácido cítrico. Trata-se de uma conserva fácil de fazer e não se deduz das considerações feitas, que a sua preparação envolve qualquer risco. Pretendemos apenas chamar a

atenção para o facto da absoluta necessidade de acidificar a salmoura das conservas caseiras de legumes, a não ser que se efectue a sua esterilização em panela de pressão.

Os espargos destinados à conserva deverão ser de colheita recente, e bastante tenros, pelo que deverá proceder-se à sua preparação no começo da época. Para que a conserva tenha um aspecto mais atraente, devem-se acondicionar no mesmo frasco, tiriões de igual diâmetro e estado de maturação. Lavam-se em água fria, cortam-se todos à mesma altura num cumprimento de cerca de 2 cm inferior à altura da embalagem empregada. Em seguida, raspam-se cuidadosamente, de modo a desembaraçá-los de qualquer impureza que poderia comunicar mau sabor à conserva, após o que se procede ao branqueamento ou, seja a um imersão em água fervente, que tem por fim completar a lavagem, provocar um certo abrandamento dos tecidos, facilitando o acondicionamento na embalagem, destruir certas substâncias—enzimas—que mais tarde provocariam o escurecimento do produto, e outras alterações desvantajosas, melhorar o sabor da conserva, e facilitar as operações subsequentes: a expurgação e a esterilização. Como os espargos não apresentam uma consistência uniforme ao longo de todo o tirião, para que esta operação seja efectuada de modo mais perfeito, evitando assim que as pontas fiquem demasiadamente brandas e as bases demasiadamente duras, aconselha-se que esta operação seja efectuada do seguinte modo: atam-se os espargos com um cordel não muito fino para não dilacerar os tiriões e mergulha-se o terço inferior (mais duro) em água fervente, durante 3 minutos, imergindo-os em seguida completamente, durante mais um minuto. Retiram-se da água fervente, e mergulham-se imediatamente em água fria, corrente, desatando-os para que arrefeçam mais rapidamente. Enfrascam-se em seguida, tendo o cuidado de não os apertar demasiadamente e cobrem-se imediatamente com a salmoura fervente, após o que são expurgados durante 30 minutos e esterilizados durante igual espaço de tempo, em banho-maria fervente.

Esta esterilização também pode ser efectuada em panela de pressão, dispensando-se neste caso a adição do ácido à salmoura. Recomenda-se no entanto, que se utilizem apenas panelas munidas de um manómetro, pois caso contrário, não haveria a garantia de

Conselhos ALVITRE

Uma questão fundamental! —Em cada ano e sempre, a principal preocupação do agricultor deve ser a do conveniente aproveitamento do terreno de que dispõe. Não se deve deixar dominar pela ideia duma cultura exclusiva, ajuda que se lhe apresente como a mais rendosa imediatamente. Provou-se que a monocultura está sujeita às maiores contingências. Por esse motivo, só a associação de culturas apropriadas a cada caso particular, garante um lucro seguro mesmo em anos irregulares.

Daqui se compreende a necessidade dos afolhamentos, isto é, da divisão criteriosa do terreno em determinadas folhas e o estabelecimento, para cada uma, da rotação respectiva, quer dizer, da sucessão das culturas num certo período de anos.

Está reconhecido por todos que um dos males mais gerais da nossa agricultura é a insuficiência de gados e estrumes.

Ora, por um sistema de exploração em que as forragens, quer leguminosas quer de outra natureza, tenham parte importante, pode aumentar-se a produção pecuária e consequentemente a produção de estrumes, tão necessários à cultura intensiva e racional das terras.

Havendo produção abundante de forragens está garantida a manutenção dos gados em quaisquer épocas do ano, visto poderem guardar-se dos de abundância para os de penúria, já recorrendo à prática de ensilagem, já à fenação, cuja técnica é susceptível de melhoramentos apreciáveis.

Em muitos terrenos fracos do nosso País, onde a cultura herbácea é pouco viável, o poisio pode ser vantajosamente substituído pelos matos melhoradores, como sejam, por exemplo, as giestas e os tojos. Assim se garante a alimentação dos rebanhos manadios, ao mesmo tempo que, por forma económica, se enriquece o solo de azoto.

que a esterilização fosse efectuada à temperatura de 115° C.

Para frutos e produtos hortícolas acidificados não há vantagem em efectuar as esterilizações em panelas de pressão, uma vez que a temperatura de ebulição da água é suficiente para a destruição dos microorganismos presentes no produto a conservar.

Para se fazer a apreciação de qualquer semente, não basta atender apenas ao seu volume, estado de limpeza, grão de escolha, cor, etc., é absolutamente necessário investigar qual o seu poder germinativo. Como tal faculdade está directamente ao alcance de todos os agricultores, a seguir indica, e em poucas palavras a maneira de se levar a efeito um tão proveitosa prática.

Em um pequeno prato de barro ordinário, não vidrado, colocam-se dois pedaços de flanela grossa cobrindo simplesmente o fundo do referido prato. Depois de humedecidos, espalham-se sobre a mesma flanela, a uma altura de cerca de 100 grãos de semente a ensaiar, mas com pouco afastados uns dos outros, e cobrem-se depois com uma outra flanela também humedecida. Como este tecido absorve muita água, os grãos podem conserva-se húmidos durante alguns dias, não vindo que a água seja em quantidade demasiada, de evitar-se o possível apodrecimento das sementes.

Este simples germinador local-se num sítio em que a temperatura se mantenha a 15° C, aproximadamente. Toda a boa regularidade deste ensaio deve levantar-se diariamente por alguns instantes, a fim de arejamento das sementes.

Logo que se observe o germinamento dos gérmenes em cada grão, procede-se à contagem e anota-se o resultado.

Depois de decorridos 10 a 15 dias para os cereais e legumes e de 20 a 25 dias para as gramíneas prateadas deve considerar-se terminado o ensaio, bastando proceder à simples verificação do número de grãos não germinados, para se aquilatar do valor da semente.

Tal número, em qualquer semente considerada boa, deve ir além de 5%.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Visado pela censura

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amares

TRIBUNA do CONCELHO

NOSSO

SILÊNCIO

(Continuação da 1.ª página)

Exemplo, que se como agora, objectivo é desunir o clero para atirar com as culpas para cima dum seu elemento preponderantemente que é preciso apelar, eis que todas essas armas imundas actuam sobre esse objectivo como obediendo a um comando.

Creia caro leitor que o nosso silêncio se explica apenas pelo facto de guardar a distancia devida entre criminosos e responsáveis e também que era muito mais útil até interessante deixar que prontamente esses protentos dessem tudo, que lhes apressasse, para assim ficarmos melhor a avaliar do seu estado e do seu objectivo.

Desceram todos os deuses e agora já não fazem mais mal. Todos os conhecemos e sabemos do que são capazes. Os seus escritos já não surtem efeito por mais que se falem. O nojo tornou-os ridículos.

Além disso não se devia a esse inimigo arma alguma com que pudesse esbar-se ou defender-se.

Não podemos esquecer nessa pequenissima nota que o nosso jornal publicou sobre uma desordem entre duas raparigas irmãs,

em lugar a que organizações comissões e se fossem deixar superiormente da investigação que o jornal estava a fazer. Bom; a verdade que eles queriam tirar do outro partido.

Nessa altura, eles verão, olhando para trás, o rasto de sangue, de sofrimentos e de baixezas que a sua vida deixou num caminho penosamente percorrido.

Verão também a sua própria terra mais pobre do que podia ser se nesta altura histórica de progresso, eles tivessem contribuído como era dever.

Verão finalmente e ainda mais de lamentar, ódios e desavensas espalhadas, que se reflectirão nos filhos e na futura geração, que bem precisava ser amiga e necessitava de caminhar de mãos dadas.

Alguém disse e parece que com certo ar de prazer que este jornal estava amordaçado.

A esses apenas respondemos dizendo que o Jornal foi criado para defesa do Concelho e dos seus valores morais, espirituais e materiais e esses nunca e em ne-

dizer que não foram tomadas todas as disposições e cautelas para que com a recolha dos respectivos elementos e factos, sejam um dia, que se espera ser breve, levados aos Tribunais a responder por estes crimes contra a honra alheia e contra o bom nome do Povo de Amares.

Também temos que salientar o facto de nenhuma das pessoas atingidas e que foram tantas, terem usado do mesmo sistema de perversão.

Não. Os atingidos, que englobam todas as pessoas em posição de destaque no concelho, e no Clero, e todos os seus amigos e simpatizantes tiveram a firmeza de carácter de não seguirem as pisadas desses ridículos seres que o concelho necessitava de esirpar do seu meio.

Felizmente que assim aconteceu e que o povo já se habituou a não dar apreço algum a tão nojento processo.

Toda a vergonha das acções que imputaram, ás vítimas estão agora a descer sobre si próprios, marcando-os, chefes e subalternos, com o ferrete da mentira, do desprezo e da desonra, aos olhos de todas as pessoas de bem, que já distinguem com exatidão e um a um esses malfeteiros e deles se separa.

Já não é este, pequeno castigo; mas cedo virá o tempo em que serão vítimas dos seus erros, dos seus ódios e dos seus ideais.

Nessa altura, eles verão, olhando para trás, o rasto de sangue, de sofrimentos e de baixezas que a sua vida deixou num caminho penosamente percorrido.

Verão também a sua própria terra mais pobre do que podia ser se nesta altura histórica de progresso, eles tivessem contribuído como era dever.

Verão finalmente e ainda mais de lamentar, ódios e desavensas espalhadas, que se reflectirão nos filhos e na futura geração, que bem precisava ser amiga e necessitava de caminhar de mãos dadas.

Alguém disse e parece que com certo ar de prazer que este jornal estava amordaçado.

A esses apenas respondemos dizendo que o Jornal foi criado para defesa do Concelho e dos seus valores morais, espirituais e materiais e esses nunca e em ne-

Agradecimento

Artur da Cunha Cruz, industrial de serrelharia, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que o honraram com a sua visita e que se interessaram pela saúde de sua esposa durante o período de internamento no Hospital de S. Marcos em Braga.

A todos muito obrigado.
Feira Nova, 17 de Abril de 1962

(a)—Artur da Cunha Cruz

AGRADECIMENTO

Artur da Cunha Cruz e sua esposa Joaquina Soares, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que os acompanharam com os seus sentimentos no desenlace da morte de seu sogro e pai, motivada pelo desastre ocorrido no Largo Dr. Oliveira Salazar em 9 do corrente.

Artur da Cunha Cruz
Joaquina Soares

Uma circunstância deixará de ter nele um apoio tão forte que nunca mais a perversão, ou a usurpação terão aqui lugar cómodo.

Fiquem os despeitados políticos certos, mas bem certos, de que, os seus processos de administração estão falidos, que os seus métodos políticos falharam por decrepitude e o tempo de hoje não admite mais a estagnação a que nos votaram durante 20 anos. Contra esse terrível passivo está agora uma nova geração a tentar, recompor o património que nos legaram os nossos maiores. Percam as esperanças porque estão velhos e desacreditados e porque com estes ou outros homens. o Concelho há-de singrar, e é neste jornal forjado à luz deste ideal, que eles não-de encontrar o maior protector e esteio, ele seria um punhal constantemente cravado nas carnes de novos usurpadores ou apáticos que se tentassem instalar.

Este jornal não é de calar nem nunca se calará porque é livre. O seu silêncio só pode ser encarado como desinteresse por tudo o que possa prejudicar o concelho ou a unidade dos seus povos que deve sempre ser preservada e estimulada entre os homens de boa fé.

Só quando se perdem todas as esperanças de conseguir a colaboração de todos é que pode haver lugar ao ataque. É este mesmo só no caso extremo de se verificar que tal ou tais elementos devem ser eliminados ou arredados por perniciosos e prejudiciais ao Concelho ou ao bem estar e sossego dos Povos e que com eles deixou de haver a mínima possibilidade de colaboração.

Salvé 23-4-62

Passa o seu aniversário natalício no próximo dia 23. o nosso particular amigo e assinante deste semanário, Snr. Duarte Fernandes Maia, abastado proprietário e Presidente da Junta na vizinha freguesia de Goães.



Por tão faustoso aniversário, sua esposa e filhos fazem votos que este se repita por muitos anos.

«Tribuna Livre» cumprimenta o ilustre aniversariante e igualmente deseja que esta data se prolongue por muitos anos no mais sagrado amor conjugal.

Salvé 26-4-62

Festeja o seu aniversário natalício no próximo dia 26, o nosso particular amigo e assinante deste semanário, Snr. José Manuel Martins, proprietário do Retiro dos Pacatos, e digno Regedor nesta localidade.

Por tão faustosa data sua esposa e filhos, fazem votos que esta se prolongue por muitos anos.

Tribuna Livre igualmente deseja ao ilustre aniversariante uma vida longa, cumprimentando-o pela passagem de mais um aniversário.

Aniversário

Passa o seu aniversário natalício no próximo dia 27, o Senhor Manuel da Silva, mecânico de profissão, e residente na cidade de Braga.

Por tão faustosa data, uma pessoa amiga filicita-o e faz votos que esta se prolongue por muitos anos.

Arodarimda

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O Snr. José Manuel Barbosa de Macedo.

Amanhã—O Snr. José António de Sousa Arantes Menezes.

Dia 24—Os Snrs. Leonildo Ipidio Arantes Menezes e José Maria Fernandes Gonçalves.

Dia 26—O Snr. Manuel Arantes.

Dia 27—O Snr. Joaquim José Azevedo Macedo.

HUMORISMO

À volta da caça

—Mataste alguma coisa, João?

—Matei um pato...

—Bravo?

—Não! Bravo era o dono...

Exame de Botânica

—Examinador:—O que é uma flor?

Aluno:—Uma flor é V. Ex.ª se me aprovar, senhor Doutor!

Conversando

—Ó Luisinho é feio, foi mexer no doce!

—Não fui eu, mamã, foi o gato.

—O gato?! mas o teu bibe está todo sujo!

—Foi ele que veio limpar-se a mim.

Na Rua

—Que fazes aqui parado no passeio?

—A mamã disse-me que não atravessasse a rua enquanto não passassem os carros. Há mais de uma hora que estou aqui e ainda não passou nenhum...

Entre amigos

—Quando eu morrer deixo tudo que tenho a um asilo...

—E quanto tem?

—Três filhos...

José Gonçalves

ALFAIATE

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS

PARA

HOMEM SENHORA E CRIANÇA

PREÇOS ACESSÍVEIS

Rua c Lote c 2.º - D.to — Telef. 932289

Estrada Militar A Damaia

AMADORA

PROBLEMAS DE ANGOLA

(Continuação da 1.ª página)

surável extensão de terras a desbravar e a agressividade dos climas, bem como — e não raro — certos comportamentos hostis dos pastores protestantes. O próprio Livingston, glorificado por tantos das suas benfeitorias em proveito da ciência e da civilização, é imparcialmente acusado de pretensões pouco dignas diminuir a nossa verdade histórica e denegrir a nossa acção missionária.

As primeiras vagas de legislação anti-religiosa e anticlerical desencadeadas, em 1759, pelas prepotências de Pombal, quanto à expulsão de Jesuítas, que formavam os melhores contingentes do corpo docente e evangelizador do Ultramar, recriadas sucessivamente em 1834 com a extinção das Ordens e Congregações restantes e, logo no advento do regime republicano, em função de uma avalanche de diplomas implacavelmente atentórios da tradição, da fé e da vocação luzitanas: todo este catastrófico maremoto de fenómenos antinacionais como não podia deixar de ser, e ao mesmo tempo que ia retolhando a consciência religiosa da Nação e o Supremo conceito de liberdade que se dizia estar na cúpula das democracias, criava obstáculos intransponíveis à marcha normal da nossa interpenetração civilisadora.

A 8 de outubro de 1910 promulga-se um decreto com força de lei, respondo a validade da legislação de 3 de setembro de 1759 contra a Companhia de Jesus, assim como a do diploma de 28 de maio de 1834: contra todas as outras Ordens, além de considerar de nenhum efeito o decreto de 18 de abril de 1901, no qual se atendia, aliás subtilmente, à necessidade das congregações no País, que passariam a ter aceitação legal, mas só no caso de «pretenderem dedicar-se exclusivamente à instrução e beneficência ou à propagação da fé e civilização no Ultramar». Quer dizer: outra vez os Jesuítas irradiados do solo pátrio e os membros das restantes Ordens, melhor, os religiosos das restantes Congregações, «Compelidos a viver vida secular ou pelo menos a não viver em comunidade religiosa». E mandados assalar todos os bens inerentes, os quais passavam irrefragavelmente à posse do Estado.

«A República não reconhece, não sustenta nem subsidia culto algum» (abril de 1911), pelo que implicitamente conta dos seus orçamentos todas as despesas referentes ao exercício do culto católico. E daqui, de todo este ateuístico processo de desagregação nacional, a inevitável surto de extorsões, retaliações e perseguições cruentes bem na memória dos portugueses das duas últimas gerações e a que Pio X responde com a célebre encíclica «Jam dundum in Luzitania» (24 de maio de 1911) mas sem

que a posição do Estado deixasse de se manter até ao consulado sidonista.

No que respeita ao Ultramar, manda a verdade dizer que fine a acção nos governadores Norton de Matós e Joaquim Machado, respectivamente em Angola e Moçambique (1914), diluiu em certa medida, aliás de benefícios restritos, o dracatismo anti-religioso da Metrópole, reconhecendo-se então a utilidade de alguns valores da tarefa missionária, para o que se lhe concedeu determinada liberdade e possibilidades económicas de agir.

Eram, porém, gravíssimos os prejuízos já sofridos: missões abandonadas, casas de formação encerradas, falta de clero e pessoal ajudante, tristissimamente substituídos, às vezes, pela chusma dos pastores protestantes a coberto dos acedros de Berlim e de Bruxelas (1885 e 1890). Não se esqueça também o triste sucesso das chamadas «missões laicas», criadas em 1913 pelo Decreto N.º 223, o qual fincava no Ultramar odientes disposições da Lei da separação, ajudando ao caos em que a todos fazia mergulhar o racionalismo atáista da primeira República.

Contra todas as apressões e desvairios de forças dominadoras, o povo desta boa terra de Santa Maria jamais quis divorciar-se da Deus e da Sua Igreja; e disso dão investíveis testemunhas o júbilo e acatamento com que ele acolheu a obra de profunda renovação levada a efeito pelos responsáveis da segunda República. Aliás, o triunfo desta revolução política—social—espiritual nada mais correspondia do que a supremas aspirações latentes, congénitas, expressas no longo processo da História.

Fortale camo-nos com todos os valores possíveis para sustar em definitivo aquilo que para outros países e noutras regiões parece já ser irremediável, mas não nos agarremos a ilusões doiradas. Não nos iludamos. Nem toda a província de Angola — para falar só desta província — está bastantemente missionada. Precisa de circular por toda a província «o Sopro vivificador da Fé — obra especialmente da Igreja missionária em estreita colaboração com o Estado na ajuda material, nas facilidades legais, numa maior latitude dos diplomas e da acção directa e imediata. Portugal, que já é como único no mundo, atingirá — haverá de atingir — proveitos e glórias nunca Sonhadas!

Elísio Gonçalves

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

Os três testamentos de Beethoven

Continuação da 1.ª página

rich Wilhelm Ernst, que o ofereceu aos seus amigos, o compositor Otto Goldschmidt e Jenny Lind-Goldschmidt. Otto Goldschmidt ofereceu o testamento, no ano de 1888 à então «Biblioteca Municipal de Hamburgo». O Testamento de Heiligenstadt teve a sua origem no primeiro ataque de desespero de Beethoven ao sentir que a sua outiva diminuía rapidamente. É possível que esse desespero ainda tivesse aumentado por causa do sonho de amor, destruído de um dia para o outro, ao lado da sua discípula a Condessa Giuccardi. Na primeira parte do testamento Beethoven expõe, porque, devido a ouvir cada vez pior, se sente isolado e tem constantemente conflitos com outras pessoas. Em seguida dá as suas disposições testamentárias, brilhando a seguinte frase como um dos mais belos testemunhos de uma atitude verdadeiramente humanitária: «Os instrumentos do Conde L. (Lichnowski) desejo que ainda sejam guardados em casa de um de vós, mas não haja briga entre vós por isso. Assim que vós possam ser úteis, vendi-os. Como me sinto feliz se, já na sepultura, ainda vós puder ser útil».

No dispozição deste testamento, que Beethoven deve ter esquecido mais tarde, foram anuladas em 1823 por um chamado «Testamento Epistolar». A carta datada de 6 de Março de 1823 foi dirigida ao advogado Dr. Johann Baptist von Bach e começa com as palavras: «A morte poderia vir sem se anunciar; no momento não há tempo de fazer um testamento num tribunal...» Mas também este testamento não foi o último, tendo sido invalidado por um segundo testamento epistolar de 3 de Janeiro de 1825, dirigido, mais uma vez, ao advogado Dr. von Bach. Escrito poucas semanas antes da morte de Beethoven, o testamento limita-se às disposições necessárias de ordem material. Diz-se num postscriptum acrescentado por Beethoven num último esforço, que todos os seus bens móveis, inclusive um capital, se destinam aos descendentes ou herdeiros testamentários do seu sobrinho Karl, indicado como herdeiro universal. Esta medida de precaução parece ter pleno fundamento em vista das opiniões manifestadas por contemporâneos sobre o tal Karl von Beethoven, considerado um individuo extraordinariamente leviano. Em nenhum dos testamentos se fala da herança musical que pertence hoje a toda a Humanidade.

Leia, Assine

Publique na «Tribuna Livre»

«A Filatelia»

(Continuação da 1.ª página)

nar selos, num crescendo avassalador que colhe a sua justificação nas perspectivas, que oferece a Filatelia, como passatempo único nos conhecimentos que proporciona, nos interesses que movimenta, nos contactos universais a que dá ensejo e num factor económico que não pode haver-se como despiciente.

Os selos, sendo um agente altamente qualificado de instrução como divulgadores da História, da Geografia, da Literatura, das Ciências e das Artes, dos Costumes, da Fauna e da Flora dos povos, têm a caracterizá-los uma função educativa: Educam as qualidades artísticas; educam o golpe de vista; obrigam a ver, a admirar, a estudar, a escolher, a seleccionar, a agir com método, persistência e disciplina.

O conferente, deteve-se, seguidamente, nas actuais tendências do coleccionismo de selos, referindo a Filatelia temática, a Marcofilia e os postais máximos. Analisou depois o aspecto económico que acompanha a Filatelia, já que nela há, por via de regra, um investimento de capital que mais se valoriza à medida que os anos passam. Pouco a pouco, insensivelmente, o coleccionador, quer agindo por cálculo ou interesse, quer pelo prazer único de ocupar sãmente algumas horas do seu lazer, encontra-se perante uma fortuna que, não raro, se cifra em milhões de escudos.

A finalizar, o conferente apelou para todos, e sobretudo para os jovens, para que se dediquem à prática do coleccionismo dos selos. Nela encontrarão prazeres insuspeitados e fortes motivos de interesse moral e material; a par da possibilidade única de contactarem, fraternalmente, construtivamente, com seres de todas as latitudes.

O conferente foi, no final, muito aplaudido e cumprimentado pela numerosa assistência.

«Vivamos numa prisão e não tínhamos escolha...»

(Continuação da 6.ª página)

verem na zona soviética da Alemanha e que não mereciam uma bolsa de estudos. Com mais alguns estrangeiros foram levados para a fronteira da zona sem que se lhes desse qualquer explicação sobre a razão da sua pretensa incapacidade. «Ainda não sei porque razão nos mandaram embora», relata Camutu.

«Com um amigo da Somália viemos para a Alemanha Ocidental. Em Hamburgo dirigimo-nos à Missão nas Estações de Caminhos de Ferro que nos alojou e nos deu algum dinheiro. Juntaram-nos a um grupo de praticantes do Togo que são hóspedes do Governo Fe-

O Concílio Ecuménico Vaticano II

(Continuação da 1.ª página)

Rica em simbolismo, ideia do Santo Padre.

O Concílio é luz e vida para a Igreja e para a humanidade. O círio bento espalha luz, e espalha calor na realidade física, por luz e pouco calor se prende da chama, o sigificado da luz do Círio locais para onde foram enviados são extraordinários. Cada cristão deve ser luz acesa, a ajudar a realização do Concílio aviva a luz da Fé, e o calor amor à Verdade.

* * *

Os 20 Concílios que cederam o que o Papa XXIII já convocou, podem agrupá-los desta maneira:

Os concílios da Idade Média e da Alta Idade Média que abarcam cinco séculos e cuja base comum é a série de definições dogmáticas — Primeiro de Niceia em 325; primeiro de Constantinopla, em 381; de Efeso, 431 de Calcedónia, em 451; segundo de Constantinopla em 553; terceiro de Constantinopla, em 680 a segundo de Niceia, em 787 e quarto de Constantinopla em 869; os Concílios da Idade Média vêm a seguir, e os assuntos versados foram de ordem política que se justifica pelo do vínculo existente, na Idade Média, entre a religião política — primeiro concílio de Lafrão, em 1122; segundo de Lafrão, em 1179; terceiro de Lafrão, em 1215; quarto de Lafrão, em 1245; primeiro de Lyon, em 1274; segundo de Lyon, em 1284; Concílio de Viena, de 1312.

Ainda a este grupo se tam os concílios, a quemamos da Renascença: Concílio de Constança, de 1418, que pôs fim ao de Cisma do Ocidente; Concílio Basileia-Florença, 1431 a 1437, que foi devido à união entre a Igreja Roma e as igrejas Orientais e o quinio Concílio de Lafrão.

A terceira série de concílios tem como base acretização de muitos atos dogmáticos, disciplinares e litúrgicos, e que têm coroa a definação da Ilidade do Papa.

São os concílios de Trento, de 1545 a 1563, com várias interrupções, e Concílio Vaticano Primeiro de 1869 a 1870.

deral e trabalham na América Ocidental. No semestre de verão pretendemos estar em Hamburgo».

Para se prepararem devidamente, trabalham actualmente numa fábrica de máquinas. Por enquanto ainda estranham o ambiente, mas a pressão política desapareceu e podem preparar, sem «qualificações políticas» para os seus est

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

Item atrás as casas contra o poente o campo das Ribas tapado sobre si parte do abrigo e do poente com Real e do nascente consigo levará de semente sete alqueires e rega se. Item hua Bousa contra ogial que se labra de tempo em tempo, este campo tem de comprido sessento e de ancho tem quarenta e seis e meya. Item mais o campo da Cortinha do Clerigo que faz o casal de serrado do casal de Real e parte do Nascente com Real e do mar passa a estrada que vai ao monte está tapado por parede e levará hum alqueire e tem tres ubeyras e tres carvalhos e dous salgueiros e hum castanheiro esta cortinha tem vinte e tres e de ancho dez e meya varas de medir. Item o campo do Feijoa tapado sobre si que parte do abrigo com Real e do poente com estrada e do ogial com moinho de Gonçalo Annes de Pinheiro e com o monte levará de semente seis alquaires e rega se. Este campo tem de comprido oitenta e seis e meya e de ancho sincoenta e nove. Item o campo da... tapada sobre si que parte do ogial com a Curigeira e poente com estrada nascente com Barbeito de Real levará de semente tres alqueires e tem carvalhos de ao redor cerquinhos e parte pella Regueira onde está hum castanheiro; este campo tem de comprido sesenta e cinco e de ancho vinte e duas. Item mais em oyteiro de de villa a leira do Ribeiro que parte de todas as partes com Bouro e levará hum alqueire e tem coatro carvalhos ubeiras velhas coatro novas; esta leira tem de comprido vinte e cinco e de ancho dez. Item no talho da Cal na aldeia de Saramil leira que he da Igreja que parte com o casal de Saramil que he de Bouro a goal he marcada paga se hum par de galinhas à Igreja. Item mais o Abbade disse a my Notayro que a ditto Igreja de Saramil tem direito de haver quinhão dos Barbeitos que jazem asima da ditto Igreja pera ogial os coaes dizem certas testemunhas que são de Saramil que já os labrarão os caseiros da ditto Igreja e agora os dava o protonotario aos caseiros de Real e por tal a dita Igreja está forçada que Requeria a mi Notario que os assentasse neste tombo e que elle hiria dislindar estes Barbeitos com o Senhor protonotario e que depois se assentaria mais verdadeiramente os Barbeitos são os seguintes Item pera a banda do ogial sobre a dita Igreja de Saramil que do ogial partem com as bousas dos casais de ogial e do poente e do nascente com os Barbeitos do casal do oyteiro de villa e do poente com Barbeitos de ogial e do abrigo partem com erdades do dito assento da ditto Igreja de Saramil levará de semente quando se semear dez alqueires pouco mais ou menos e semea se. Item em oyteiro de villa duas leiras hua no Barreiro outra na vinha velha que Fernão de oyteiro de villa de Sequeira da dita Igreja e que tem de marcos pagua dous frangos destas duas leiras tem de comprido sinco varas e em ancho hua. Item mais disseram que esta Igreja tem agoa de goarida de regar e limar que bem do Ribeiro do orjal da qual tem no Inverno pera limar e no berão pera regar e limar com bem a saber e desta apagação e demarcação o ditto Abbade pediu a mi Notario que lhe desse hum e muitos ynstromentos pera memoria da verdade e eu João Rodrigues Notario apostolico os escrevi e bem assi as sobreditas testemunhas disserão que o sobredito assento da ditto Igreja de Saramil parte de banda do Nascente por vallos paredes e comoros com erdades do casal do oyteiro de villa com o casal do Tojal que he do mosteiro de Bouro e do mar com casal e suas erdades do casal do Real de Bouro e do abrigo com erdades do Cabadusso de Bouro; assi de todas as partes com erdades pertensas do mosteiro de Bouro e dentro do qual lemite e demarcação fição as pertensas do dito assento atras descritas e eu João Rodrigues Notario apostolico este escrevi e assignei com os sobreditos Gonçallo Garcia do Real — Fernando Annes do oyteiro de villa e Gonçallo Pires caseiro de Saramil e o ditto Fernão Annes Abbade pediu hum e muitos Instromentos pera memoria da verdade o qual treslado do Tombo atras eu Notario dei a tresladar do proprio original a fiel escrivão e consertei com o dito original com o Notario abaixo assinado e concorda e assignou aqui e por asi passar na verdade eu Fernão Rodrigues Notario apostolico este escrevi e aqui meo publico sinal fiz que tal he *Rogado e Requerido* lugar do sinal publico hua cruz. Consertado comigo Notario apostolico e concorda — Antonio Pis pagou desta sesenta Reis — Despacho — Confirmo o Tombo e interponho em elle a authoridade e decreto ordinario — Sebastiao Alves Cerqueira — E não se continha mais no dito Tombo que eu Bento Ferreira Notario apostolico e do Santo Officio escrivão da camera ecclesiastica

(Continua no próximo número)

XII A INDIA PORTUGUESA

Por PORFÍRIO DE SOUSA

Continuação do número anterior

Makâte, (Mascate) por ser uma grande cidade e ao ter conhecimento de que a esquadra portuguesa era composta de poucas unidades teve a louca veleidade de lhe opôr resistência e de a desbaratar, mas esses pruridos de valentia depressa se transformaram em espirais de fumo.

Afonso de Albuquerque surgiu no porto e ordenou que se assertassem as peças de artilharia e abrissem fogo contra a cidade.

Uma grande parte dos defensores pouco tempo resistiu e, tomados de pânico, abandonaram os seus postos e puseram-se em debandada fuga.

Os portugueses, desembarcaram e, num arranco leunino, assaltaram a cidade e de espadas desembainhadas acutilaram com incrível ímpeto todos aqueles que ainda procuravam resistir a essa leva da morte.

O solo ficou juncado de cadáveres e os encêndios, em altos e pavorosas labaredas, atingiram os armazéns de azeite e de melação.

Dentro em pouco as chamas lavraram por todas as ruas e o terrível braseiro crepitava por toda a cidade, de onde se avistava de muitas léguas de distância.

Depois da acção consumada, os portugueses reembarcaram com mais uma vitória no seu activo.

Os mouros que escaparam nos seus esconderijos, logo que pressentiram que os brancos tinham ido para os navios, voltaram à cidade e, por entre o fumo, procuravam salvar algum azeite, melação ou qualquer coisa de valor do muito que aquele mar de fogo ia consumindo na sua coragem.

Os seus denodados esforços não deveriam ter sido bem recompensados por que quase toda a cidade tinha sido pasto das alterosas e violentas chamas e as casas e armazéns eram montões de escombros, de ruínas calcinadas.

Ormuz estava relativamente próxima e era a primeira cidade—depois da arrasada Makâte—que estava no plano de Afonso de Albuquerque e para onde ele se dirigia naquele momento.

A apavorante notícia de que a pequena esquadra de brancos—mas mais terrível do que um grande tufão—que destruiu tudo à sua passagem, se dirigia para Ormuz, pôs em verdadeiro sobressalto os habitantes.

O Rei e o seu governo que já há bastante tempo haviam recebido a desesperante notícia, por intermédio dos fugitivos, trataram, sem perda de tempo, de organizar uma forte

defesa e para isso pediram a coadjuvação dos outros reinos circunvizinhos para, em comum, resistirem a essa força desconhecida que se avizinhava e, se possível fosse, como esperavam, destruí-la, libertando, assim, aquelas paragens, da esquadra fantástica que apavorava todos os povos e reduzia todas as terras a cinza por onde passava.

Os reinos circunvizinhos, nos seus próprios interesses, acudiram ao S. O. S. do Rei de Ormuz e mobilizaram as suas esquadras e enviaram-nos a prestar o socorro pedido.

Quando Afonso de Albuquerque chegou a Ormuz deparou com uma poderosa esquadra inimiga, composta por algumas centenas de navios, grandes e pequenos, que escondiam as águas.

Longe de vacilar, o Comandante em chefe da pequena esquadra portuguesa mandou avançar os seus navios para o meio dos do inimigo e sem perda de tempo expediu emissários ao monarca com exigentes e categoricas propostas, em que lhe impunha juramento de vassalagem ao Rei de Portugal, o pagamento de um tributo anual e o consentimento para construir uma fortaleza portuguesa, devidamente artilhada e com uma guarnição portuguesa, uma feitoria e a nomeação de um feitor e os necessários funcionários, afim de defenderem os interesses do seu rei e a cidade da influência dos turcos e mouros.

O rei de Ormuz recebeu os emissários de Afonso de Albuquerque e à medida que os ia ouvindo dizia a tudo que sim, mas quando lhe apresentaram o pedido para a construção da fortaleza, respondeu-lhes terminantemente que não.

Afonso de Albuquerque ouviu com plácida serenidade a exposição oral dos emissários que enviara ao rei de Ormuz e quando lhe comunicaram a formal negativa sobre a construção da fortaleza e suas dependências, o comandante em chefe da pequena esquadra portuguesa carregou a viseira e e sem perda de tempo tomou uma atitude enérgica e decisiva.

A confiança em si próprio, nos seus homens e na sua artilharia era ilimitada.

Os seis navios tinham avançado até ao limite considerado necessário pelo infatigável guerreiro para mais facilmente os colocar em posição estratégica para a eventualidade de atacar as esquadras inimigas.

O lobo conseguiu introduzir-se no redil sem que as ovelhas pressentissem o perigo que as ameaças—pois como se tratava de uma reduzida armada não lhe ligaram importância de maior, servindo até a sua presença para jocosos motejos.

O inimigo, consciente da sua poderosa força talvez, nos seus despretenciosos calóquios, zombasse dos seis pigmeus que ousaram aventurar-se a entrar no quadro da sua numerosa e bem equipada esquadra.

Dai resultou—como facilmente se depreende—não terem pressa de atacar os seis navios portugueses e metê-los no fundo do mar.

Conquanto soubessem, de ciência certa, que a esquadra portuguesa se tinha assinalado por onde tinha passado, nunca passou pela mente do inimigo que ela comportava um poder de fogo capaz de varrer da superfície das águas a sua poderosa esquadra.

(Continua no próximo número)



**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

**Auxiliai os Bombeiros
Voluntários de Amares**

Tribuna Desportiva

SPORTING e PORTO continuam com idênticas possibilidades para conquista do título de Campeão de Futebol Português

A incógnita mantém-se, apenas a três jornadas da final do campeonato de futebol da Primeira Divisão: quem será o vencedor da prova?

Os adeptos do Sporting, guia da classificação, e do Porto, que tem a mesma pontuação na tabela, viveram ontem momentos de ansiedade quando, terminados os jogos em que aquelas equipas participaram, desconheciam o resultado do encontro do grupo adversário e temiam pela posição do clube das suas simpatias. É que ambas as equipas haviam empatado...

Resultados da jornada: Beirenenses-Porto, 3-3; Lusitano-Atlético, 0-1; Benfica-Cuf, 1-1; Académica-Guimarães, 3-0; Covilhã-Beira Mar, 3-4; Olhanense-Sporting, 1-1; Salgueiros-Leixões, 0-4.

Após a jornada de domingo, a classificação ficou assim constituída:

	Pontos
SPORTING	37
PORTO	37
BENFICA	33
CUF	29
ATLÉTICO	26
BELENENSES	25
ACADÉMICA	21
OLHANENSE	20
GUIMARÃES	19
LEIXÕES	19
LUSITANO	18
BEIRA-MAR	18
COVILHÃ	14
SALGUEIROS	6

Feirense e Barreirense, guias da classificação no campeonato de futebol da segunda divisão, tem a sua posição ameaçada

Tal como acontece no campeonato de futebol da divisão de honra, na Segunda Divisão desconhece-se quem será o vencedor da prova, pois os guias da classificação nas duas zonas, Feirense, no Norte, e Barreirense, no Sul, estão pouco distanciados dos seus mais directos adversários e poderão perder a chefia nas três jornadas que falta realizar.

Resultados da jornada:

Zona Sul: Beja-Setúbal, 0-4; Sacavenense-Campomaiorense, 2-0; Montijo-Olivais, 1-0; Seixal-Cova da Piedade, 2-2; Lusitano-Portimonense, 2-1; Barreirense-Oriental, 2-0; Alhandra-Farense, 3-2. Zona Norte: Peniche-Espinho, 5-0; Vianense-Castelo Branco, 2-0; Torriense-Sanjoanense, 2-0; Feirense-Boavista, 3-0; Marinhense-Caldas, 3-1; Oliveirense-Vila-Real, 0-1; Braga-Cernache, 4-0.

Classificação actual:

	Pontos
Feirense	33
Braga	32
Marinhense	32
Vianense	27
Boavista	25

Espinho	24
Sanjoanense	23
Peniche	23
Oliveirense	22
Castelo Branco	20
Torriense	19
Caldas	16
Vila Real	15
Cernache	11

Zona Sul:	Pontos
Barreirense	40
Setúbal	38
Farense	30
Cova da Piedade	28
Seixal	28
Montijo	22
Alhandra	22
Lusitano	21
Portimonense	18
Beja	18
Oriental	17
Campomaiorense	14
Olivais	13
Sacavenense	13

Futebol na Horta

Na final da «Taça dr. António Martins», em futebol, ontem disputada, o Faial Sport venceu o Atlético por 5-1.

O Atlético, todavia, ficou na posse definitiva do trofeu.

Em Angra do Heroísmo

Resultados dos jogos disputados no domingo passado a contar para a «Taca de Honra»: Marítimo-Angrense, 2-4; Juventude-Vilanovense, 1-1; Praiense-Unidos, 14-0.

A equipe Portuguesa de hoquei patins vai a Montreux disputar o «Torneio da Páscoa»

Portugal e mais sete países participam no habitual «Torneio de Páscoa» de hoquei em patins, que vai realizar-se nesta cidade, de 19 a 23 de Abril.

Além de Portugal, que de-

«Vivíamos numa prisão

e não tínhamos escolha...»

«Tínhamos ouvido que na Universidade de Leipzig havia bolsas para estudantes de Quênia e viemos porque queríamos estudar durante algum tempo na Alemanha.» Camutu Ndegwa está sentado à minha frente; numa casa para estrangeiros em Hamburgo e fala da sua estadia na zona soviética da Alemanha onde, com o seu amigo Gitata, ambos de Quênia, pretendiam estudar matemática e mecânica. Foram para o sector soviético de Berlim para seguirem viagem para Leipzig. Mas já à sua chegada na parte oriental da antiga capital da Alemanha foi lhes participado pelo ministério do interior que, antes de serem admitidos à universidade, teriam de se submeter a um exame político. Nem todos, declarou-se aos dois africanos, estariam aptos a viver num país socialista.

Com calma e objectividade Camutu relata das quatro semanas que passou na zona soviética da Alemanha; sente, porem, que ainda não pode

tem o título de campeão do mundo e da Europa, estão inscritos os seguintes países: Espanha, Itália, Suíça, Alemanha, França, Inglaterra e Jugoslávia.

O torneio foi dividido em dois grupos. No primeiro figuram Portugal, Itália, Alemanha e França, no outro, Espanha, Suíça, Inglaterra e Jugoslávia.

As duas melhores equipas de cada grupo disputam a «poule» final, e as outras duas jogam para se classificarem do quinto ao oitavo lugar.

compreender porque razão a atitude política será decisiva para a admissão à universidade.

Sob a mais severa vigilância da polícia secreta fomos levados de Berlim para um acampamento onde devíamos ser examinados quanto à nossa «capacidade de viver num país comunista». Além de nós ainda estavam nesse acampamento mais estrangeiros do Togo, da Somália, da Nigéria, da Espanha e da América do Sul. Os dois africanos manifestaram o desejo de estabelecerem contactos com estudantes da zona soviética mas a direcção do acampamento não deu autorização. «Tiraram-nos os nossos livros, entre eles obras de autores ocidentais e publicações sobre Quênia, escritas pelos nossos dirigentes políticos. Até hoje esses livros não foram restituídos.» «E como era a vida no acampamento?» «Não tínhamos nada de fazer, comíamos e dormíamos e eram esses os únicos passatempos. Foi uma vida como numa cadeia, mas não tínhamos escolha.»

Finalmente ofereceu-se-lhes a oportunidade de trabalhar numa fábrica. «Aceitamos a oferta e trabalhamos durante um mês. Cada manhã eramos levados para a fábrica num carro da polícia que nos trazia à noite. Mas assim pudemos ao menos ganhar o dinheiro para a viagem para Hamburgo». Para a sua grande surpresa Camutu e Gitata receberam, certa manhã, da direcção do acampamento a comunicação que não tinham as qualidades necessárias para vi-

Continua na 4.ª página

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Prosigue el Testamento

ducados, que era más de lo que hasta aquel tiempo devíamos de aquella limosna que avíamos ofrecido — Si no lo ancobrado se lo revalidare en lo que de las mesadas de la Marquesa, que Dios tenga en el cielo, i de las misas se nos deviere hasta el día de su fallecimiento, porque esta fue la voluntad de la Marquesa, i mia.

Item, digo que todo lo referido es lo que al presente se me acuerda de las cosas que conmigo comunico la Marquesa mi señora, i mi muger, i que protesto que no pueda perjudicarle en algun tiempo al descargo de su alma, i la mia el prente olvido, si le ay eu alguna cosa; porque eu qualquier ocasion que se me acordare dare satisfacion a todo de mis propios bienes, quando los que a ella tocaren no fucren bastantes para que de ellos se le pueda dar.

Item, digo que preguntando yo a la Marquesa mi Señora, i mi muger al tiempo que me dio el poder para que en su nombre pudiese testar por ella, eu presencia del mismo escrivano Real que le hizo, i haze este testamento, que cantidad de misas queria que se dixesen por su alma, Respondio que yo mandasse dezir las que quisiesse, sin limitar me, ni senalar me cantidad cierta, i assi por quenta dela hazienda de la Marquesa mando que se le digan mil misas — Y yo por quenta de la mia me encargo de mandar la dezir tres mil misas, en la parte ò lugar adonde yo quisiere, i quando quisiere, i por las personas que fuere mil voluntad. Y asi mismo mando se diesen de limosna a las mandas forçosas, i acostumbradas veinte reales por una vez, con que las desistia, i apartava del derecho de sus bienes.

Y porquanto es mi intencion que todo lo que va dicho, i tratamos yo, i mi muger, i señora la Marquesa, se cumpla, i execute ente-

ramente: desde luego lo hordeno, i mando assi; de suerte que este testamento, i lo en el contenido se entienda como si por los dos ambos fuera hecho en una misma carta, i en la forma que acostumbraban hazer marido, i muger ambos juntos, i de un aquerdo, i unifor voluntad, y consentimiento; y assi lo otorgò por mi, y como tal testamentario; en la villa de Madrid a veinte i seis dias del mes de Março año de mil i seiscientos, i cinquenta i nueve; siendo testiguos el licenciado Juan Lopez Marin, Munuel de Brito, Don Juan Fernandez Calderon, Mathias Fernandez, Antonio Fernandez estantes en Madrid: y el dicho señor otorgante a quien doy fee que conosco lo firmo — O Marques de Montebelo — Ante mi Juan Garcia de Vega — **Vesita deste testamento** — En la villa de Madrid a veinte i nueve dias del mes de Noviembre de mil seiscientos e cinquenta e nueve anos el señor licenciado Don Garcia de Velasco, Visitador general desta villa, estando em vesita ordinaria en la parrochia de S. Martin visitò este testamneto con que parece aver muerto la señora Dona Violante de Oroasco i Lodron, Marquesa de Montebelo, i por cartas de pago consta estar cumplido en las mil misas que mandò dezir por su alma, i muchas mas, i lo mismo en los veinte reales que mandò a las mandas forçosas que se hecharon en sus caxas e nesta vesita y en el funeral y en quanto a esto su merced lo diò por cumplido, i en quanto a las fundaciones, i convento, i las demas obras pias que se an de fundar en Portugal encargò la conciencia al señor Marques de Montebelo para que en queriendo Dios que se vay a la se funde i haga todo lo demas que en este testamete se contiene de que se fia de su christiandad, i zelo lo haya, i por este su auto de vesita assi lo mandò i firmò, etc. — Don Garcia de Velasco — Ante mi Gregorio Navarrete. »

São muitas as considerações que se oferecem sobre o constante deste testamento.

A manifestação da última vontade e dos sentimentos que sempre nortearam o comportamento e atitudes dos primeiros marqueses de Montebelo, nele tão sinceramente expressos como pode e deve aferir-se em acto tão solene da vida — não é sem alguma comoção que se lêem certas afirmações, ainda mais quando, principalmente a respeito

(CONTINUA)